



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 506 — Preço 1\$00
3 DE AGOSTO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

4 de Agosto

Depois que há seis anos, neste dia, ao fim de um ano de trabalho e de luta que foi para nós «a passagem do Mar Vermelho», Deus nos deu o primeiro padre da rua após a morte de Pai Américo e com ele uma palavra muito calorosa de compromisso pela boca do nosso Bispo — nunca a comemoração desta data foi tão substancialmente marcada como hoje, em que na mesma Sé Portucalense nasce sacerdote e padre da rua o até agora Senhor Engenheiro Luiz Barata e de ora em diante somente P.e Luiz, a quem acompanha uma onda de simpatia, assim como seis anos antes veio carregado de afecto e de promessas o padre de então.

Em 4 de Agosto de 57, depois de uma manhã e tarde cheias de graças, antes que o dia findasse, ainda Ele tinha para nos dar o nosso quinto padre, que o Prelado de Coimbra havia de ordenar onze dias depois. Por esse tempo nos apareceu o de hoje, o sétimo: Queria ser padre e padre da rua.

Esse ano lectivo já ficou connosco, no Lar de Lisboa. Em Outubro de 58 entrou no Seminário do Porto, onde o receberam com uma alegria que diz do interesse que ali há pela «Obra da Rua» e de onde agora sai deixando amizades que redizem o mesmo interesse e falam de si.

Guardei, de propósito, para este dia de graças a apresentação do oitavo padre da rua. É P.e Telmo.

Conhecemo-nos em Picote. Vi-o agir no turbilhão que é o estaleiro de uma barragem: construía-se então a de Miranda do Douro. Disse-me nesse encontro qualquer palavra, com certeza tão discreta quanto ele o é, que não mais a lembrei. Em Julho de 1960, voltámos a estar juntos ao pé de outra barragem. Antes de partir, ele passara por Paço de Sousa a despedir-se mas, de tão

breve essa visita, eu não recordo nenhuma alusão ao assunto. Em Cambambe, sim, falámos um pouco mais. E eu julguei tê-lo dissuadido.

Há um ano voltámos a Angola. Quando lho anunciei, ele repôs-me o seu desejo com a sobriedade que é o seu estilo e a firmeza de decisão longamente amadurecida.

Já lhe apareci com uma licença preliminar do seu Prelado: viria, veria e veríamos.

Em Outubro terminaram os trabalhos da 1.ª fase de Cambambe. O grande mundo do estaleiro desfez-se. Ficaram os relativamente poucos para a

manutenção dos serviços que a barragem e central implicam. A conclusão de um pequenino bairro para leprosos indígenas e os cuidados de uma escola de artes e ofícios para filhos destes — retiveram-no ainda um pouco mais.

Chegou em vésperas de Natal. Viu e vimos. Provou a nossa vida e provou-se ao contacto dela para uma comunhão a que também Deus o chamou. Demos parte ao seu Prelado. Ele sentiu que estava bem e consentiu. P.e Telmo é o oitavo «padre da rua», quinto a acrescentar à «pequenina grei» depois que Pai Américo partiu...

Demos graças a Deus!

Quando pela primeira vez passei o portão da «Aldeia do Gaiato», tive medo da avenida e receio de ser um fugitivo aos antigos caminhos. Nos primeiros dias, senti-me um colegial que vai ser rapado no dia seguinte.

Se Pai Américo estivesse, por certo, diria ao Senhor: «Coitado do rapaz! Dá-lhe uma ajudinha».

E deu. E, concerteza, continua a dar — pelo regaço da Mãe do Céu.

Sinto-me feliz e agradecido.

Que a brisa fecundadora que, todos os dias, renasce nas pedras da campá de Pai Américo, me faça tomar consciência da realidade que me ultrapassa.

Me apresento — pedindo ao Senhor pelos nossos leitores e benfeitores.

P.e Telmo

A poucas horas da Ordenação e do ingresso na «pequenina grei» dos «Padres da Rua», as primeiras palavras só poderiam ser de acção de graças. Como foi ou será isto possível? Não encontro explicação. Como disse Pai Américo, «Deus escolhe os tempos e as pessoas e as circunstâncias; e quando quer e é preciso, até das pedras faz brotar pão». E é tudo.

Qual o lema? Servir, servir humildemente neste cantinho da Santa Igreja, fiel à doutrina do Fundador.

Os Rapazes e os Doentes abandonados, os Pobres e todos os Irmãos em sofrimento, estarão, a partir de agora, mais presentes ao meu espírito.

Recursos? O Sacerdócio de Jesus Cristo, «sem ouro nem prata», e as fraquezas humanas que o Senhor há-de tornar forças. No Céu, assim o creio, Pai Américo intercederá.

Luiz Barata

Setúbal

Ele foi há dias. Ainda não tinha dado a minha volta pelas camaratas. Eram três horas da manhã. O luar trespassava o rendilhado puríssimo dum nevoeiro pouco espesso. No nosso arrozal as rãs e as relas entoavam em coro uma sinfonia de empolgar, enriquecida de momentos a momentos pelo bater cavo do bico das cegonhas. Ao longe, como que a emoldurar o quadro desta música virgem, o ladrar sonoro dos cães.

Em casa havia paz! Uma paz que me penetrava e se fundia com a paz da minha alma.

Entro na camarata dos miúdos. Alguns, descobertos completamente, saboreiam a frescura matinal em sono profundo. Numa divisão do dormitório estão os que urinam na cama. É necessário acordá-los e pô-los no bacio. Assim faço, vivendo uma felicidade que aumenta à medida que me aproximo de cada um.

Acordo o Feijoca. Ele é fácil de despertar. Tem 13 anos e sofre muito por este defeito. É já muito raro acontecer-lhe desgraça.

Ao lado dele, um cobertor trilhado por todos os lados e pela cabeceira abriga um deles, completamente enrolado em cima da cama.

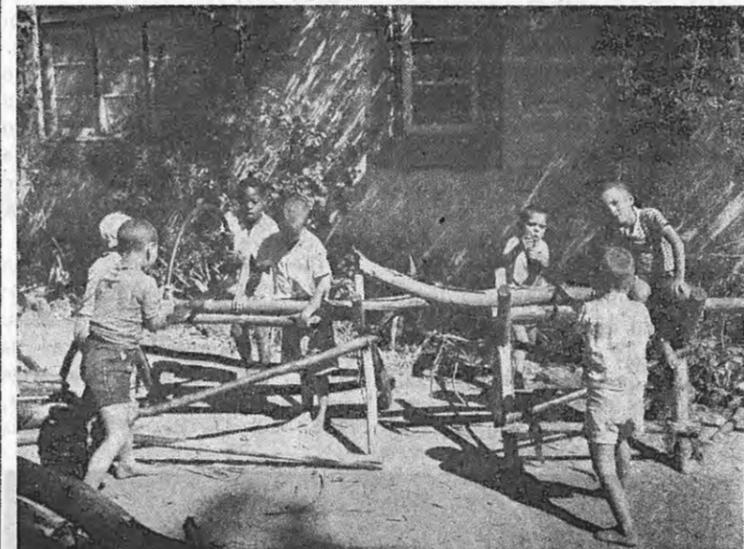
Pergunto: — Feijoca; quem é ali? — É o Cabeça de Cão.

Eu tinha falado aos rapazes que certas alcunhas não se deviam usar porque prejudicavam a personalidade dos apelidados. Mas não. Eles não entenderam. Eu pus-lhe o Cabeças para os ludibriar, mas não conseguí nada.

Ora o Cabeças nunca conheceu nem pai, nem mãe, nem casa. Foi criado com o avô, temporadas em choupanas, temporadas debaixo das árvores. A selvageria, única mãe que teve, encontrou-lhe em cheio na pobre alma. Ele era um autêntico cãozinho, com alma raional. A sua fúria com traços algo parecidos ao tal bicho, concorrem ainda mais para a detestável alcunha.

Naquela hora, o apelido soou-me a blasfêmia. Apeteceu-me agarrar o Cabeças, apertá-lo ao meu peito e gritar a todo o mundo que não é o Cabeça de Cão mas o Cabeça de Cristo!

P.e Acílio



Os da lenha são um quadro típico da nossa Aldeia. De mãos na serra está o Raimundo — um angolano muito simpático.

Do que nós necessitamos

C

á estamos, novamente, a dar nota «Do que nós necessitamos».

Recebemos do «Pessoal da Fábrica de Malhas Ferpos, 1.000\$ em memória do nosso Pai Américo». Foram entregues por uma Senhora, empregada na referida firma, e que veio à nossa aldeia integrada numa excursão dos operários da extinta Fábrica de Tabacos do Porto.

Várias presenças para os necessitados de que fala a Nota da Quinzena de 13 de Abril e 25 de Maio. Lisboa, 100\$; Maceira-Liz, ass. 33745 com «uma migalhita»; Mação 50\$; Ass. 6691, 120\$; e mais 50\$ e 20\$ de algures.

Mais duas vezes 100\$ da Ideal Rádio, com sua amizade. Ainda por seu intermédio 60\$ de uma anónima de Gaia. 50\$ de M. L. Anónimo com 200\$. Selos de correio no valor de 10\$. Soure com o silêncio de sempre e 20\$. Lisboa-2, 50\$. Da «Amiguinha do Gerez» 20\$, livros e selos, e o carinho que tem pelos nossos batatinhas. De Lisboa-3, pessoa muito amiga envia 30\$, amealhados por 7 irmãos, tostão por tostão.

No Lar do Porto, este cartãozinho e 20\$: «Para os meus queridos irmãozinhos com uma prece fervorosa a Jesus pedindo-lhe que continue abençoando essa Obra tão sublime — C. C.». Mais Lisboa com 50\$. De Fimalcão outros 50\$. De Lourenço Marques, a nossa assinante 31215 envia 4.500\$, «em acção de graças por o meu marido ter sido promovido». J. L. C. com 20\$. Assi. 28248, 110\$. Uma Maria, do Porto, com 50\$. Igual de um anónimo.

Cá está o Sr. Manuel da R. da Corticeira, presente por Junho e Julho. E 600\$ do Porto, de J. M. Coelho.

De Leiria, 50\$ duma professora. Para os nossos Pobres, anónima com 500\$. Mais o Porto com 100\$, 20\$, e 36\$ de aumento de salário. De Areosa, 25\$ de um estudante — e futebolista — primeira quantia ganha na sua carreira ora iniciada. Que o futuro lhe sorria, e não esqueça os que precisam! Mais 1.000\$ de uma anónima. Muitos aparecem e escondem-se no anonimato. Não sabemos quem são, mas Deus sabe e lembrar-se-á deles na hora derradeira.

Da ass. 21454, 50\$. Coimbra com 100\$. Palhaça com 10\$. De algures, 70\$. Anta com 20\$ e 45\$. E. D. M. com 20\$. Um pacote de selos do Dundo, com promessa de mais. 200\$ de R. Lemos, de Luanda, que aparece habitualmente. «Proveniente da venda de parte do peixe pescado na 2.ª prova do Campeonato da Pesca do Mar organizado pela FNAT — 125\$. Obrigado pela vossa lembrança. Rio Tinto com duas presenças de 100\$. E 330\$, «oferta de um grupo de rapazes que, reunidos no dia 1, em Lisboa, comemoram o 25.º aniversário da sua entrada no Instituto Superior de Agronomia». Feliz comemoração, quando se não esquecem os Pobres.

Alguém, depositou no Banco Espírito Santo, 1.000\$ na véspera do 7.º aniversário do passamento de Pai Américo. O talão de depósito tem esta legenda: «Pelo dia de amanhã — do pecúlio da afilhada que Deus também quis para Si». De Vila Real, 20\$. «Uma Mãe amargurada» com 60\$. Excursão das

Escolas de Tougues-Vila do Conde, 300\$. Hidro Eléctrica do Douro 547\$20, deixados no depósito da casa amiga que é o Espelho da Moda. Desde os primeiros passos da Obra da Rua, que esses amigos tudo recebem e tudo fazem pela Casa do Gaiato. O Senhor não os esquecerá.

De graças e promessas: 250\$, 50\$, 20\$ e 40\$. Mais, 85\$80 de um primeiro ordenado, promessa de alguém que se empregou. 140\$ dos vizinhos da R. de Vera Cruz, de quem veio a pé, do Porto. 20\$ de Cabeceiras de Basto. Ass. 13959, 200\$. Mais a primeira prestação de uma promessa, com 1.000\$. Oliveira de Azmeis, 100\$. Mais 100\$, 150\$, 100\$, 20\$, e 500\$ do Porto, também de promessas e graças obtidas.

Um vale de 1.500\$, de Braga, de alguém com 82 anos, que não pôde vir na excursão que os vicentinos realizaram à nossa Aldeia. A R. da Madalena, em Lisboa, não falta nunca com os 20\$ caladinhos. Mais um aumento de ordenado, deu-nos 700\$. As Escolas da R. da Vila-rinha, n.os 69 e 70, visitaram-nos e à despedida deixaram 230\$ e 100\$, respectivamente. A Caridade é fomalha que não se apaga. A amizade da Gerência da Importadora de Borrachas, do Porto — clientes da Tipografia desde a primeira hora — não abandona. De lá, além do mais, trouxemos pneus usados.

De Gavião, 500\$, de uma Maria Isabel que, em vez de gastar numa prenda de anos, resolveu oferecê-los para as nossas obras. Que prenda! «De uma amargurada pelo dia 22», 50\$+50\$. De Braga, 60\$. Mais

de Lisboa, 50\$. E novamente o Dundo com 50\$. Migalhinha de Beatriz. Porto Amélia, 300\$. Da Invicta, 50\$. Recebemos 500\$ de M. P. L. do Porto. «Por alma de meus queridos pais», 50\$00. De uma estudante alfacinha, 50\$ e um até breve. Do Grupo Excursionista «Os Rapiocas de Recarei» de Leça do Balio, 100\$. O Pessoal da Mobil com 102\$ e 109\$50. «No vale junto enviamos 100\$. É o primeiro abono de família de nossa primeira filha». Que o Senhor os acrescente.

Da sempre presente «Avó de Moscavide», duas vezes 20\$. Da Amadora, 75\$ em selos, também por duas vezes. Do arrais e pessoal da bateira «Padre Américo», 100\$. Que o Senhor dos Navegantes vos traga sempre a bom porto. 200\$ para os nossos Pobres. Mais de Lisboa-2, 100\$. De Castelo Branco, 50\$ «no aniversário da morte de meu sogro». E ainda, deste amigo, roupas e óculos, «coisas que já me não servem». Obrigado.

E mais um valente carregamento de papel, da já conhecida e muito amiga Gerência da Fábrica de Papel do Almonda.

Roupas de Torres Novas. Idem do Porto, e 50\$. Mais de Lourenço Marques. Da Alfaiataria Infantil, «na comemoração dos 63 anos de existência da nossa casa», 2 pacotes de camisas, blusões, bonés, casaquinhos, meias, etc. Muitas prosperidades vos desejamos, amigos. Da Beira, ass.



«Posso mandar abrir gravura desta minha jóia?» Aí têm o gosto de papá Júlio, na figura do seu quarto filho, o Manuel António.

25276, 750\$ e roupa usada. De Queluz mais vestuário. A Empresa Fabril do Norte, da Senhora da Hora, está presente com uma grande encomenda de linhas. «De uma Mãe alentejana», roupas e calçado. E mais roupas e coisas boas, da Suíça. E muitos pacotes de várias procedências que, por descuido, não anotamos. Mas fiquem com a certeza de que tudo chegou.

Na visita de amizade que o Grupo Desportivo do Telheiro nos fez, deixou 450\$. De Maria, 40\$. Mais 50\$ e «que Deus me dê coragem». A quem O segue, Deus não falta. 100\$ dum anónimo das Ilhas. De António, duas presenças: Junho e Julho. E cá estão os 50\$ e o cartãozinho já nosso conhecido: «Por alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava». 50\$ «Por alma de minha mãe». Alguém fazendo horas para ir ao cinema, lembrou-se de nós com 20\$ e já não foi! Ihavo com 40\$. Uma assinante de Rio Tinto, entregou no nosso Lar do Porto, 300\$ e mais 300\$, pelos dois trimestres deste ano.

Para a maior urgência, 20\$. Mais 50\$, 50\$, 60\$, e 50\$, do Porto. E mais 100\$00 de Maria Rita Ferreira, também, do Porto. De Maria Júlia, a presença costumada para todas as nossas casas, e ainda uma lembrança simpática pela primeira comunhão de minha filha e dos filhos do Avelino. Do Grupo Excursionista «Os 13 do Porto», 50\$00. De Tomar, «pelo bom êxito no exame do nosso querido neto, 100\$». Pelo mesmo acontecimento, 500\$ do Porto. Do ass. 28992, de Elvas, 500\$, «que corresponde a todo o dinheiro recebido do Exército, cá no Continente e até ao momento presente. Logo após o embarque, e sempre que me seja possível, procurarei enviar mais do que até aqui. O único pedido que faço a V. é o de rezar uma Ave-Maria e pedir a Deus que me proteja e aos oito homens que seguem sob o meu comando-socção». Servir a Pátria, com honra e glória, é timbre dos bons portugueses. O Senhor vos leve e vos traga bem.

MANUEL PINTO

Doutrina

Nenhum educador o é se a sua disposição de espírito não fôr algo da de João Baptista diante do Messias que surgia: «É preciso que Ele cresça e eu diminua».

E assim como esta fundamental e sincera vontade de diminuir foi a causa da canonização do Baptista, ainda vivo, pelo próprio Cristo: «Não há maior entre os nascidos de mulher» — também o educador que se revê nos frutos do educando e se esquece do seu nome para promover a maturação daqueles frutos, também esse, sem cuidar dela, fez a sua glória da lembrança afectuosamente perpetuada, que as gerações futuras guardarão do mestre.

Não há sociedade em que os valores perenes se guardem com mais zelo e mais calor do que a Família. Há um nome, bens, tradições venerandas a conservar. E os

pais, ansiosos por que tenham os filhos asas para voar, logo repartem com eles o esforço dessa conservação em progresso e, na medida em que os anos os vão cansando, deixam aos filhos o peso daquela guarda, para que a responsabilidade deles se fortaleça na vigilância e no trabalho.

Haverá quem ame mais um património e as suas raízes no passado do que a geração que o detém?

Mas chegará a amá-lo se a geração anterior, envelhecida, persiste em tudo fazer, como se até ao seu desaparecimento, um fatal agouro de incapacidade pesasse sobre os que lhe não-de suceder?

Quantas fortunas se esgotaram à segunda ou terceira geração, porque aqueles que as fizeram, personalidades fortes e dominadoras, educaram os filhos na irresponsabilidade e na inércia, ao

não lhes dar lugar no governo dos seus bens, por não caberem senão eles só!

É assim com os homens e é assim com os Povos. Pois não é um Povo uma soma de homens com traços de alma específicos e comuns?

E aquilo que é comum a todo o homem — o desejo de amar e ser amado, por exemplo — não o é também para qualquer Povo?

Assim como os educadores, os Povos civilizadores têm de encher suas entranhas de Humildade, para aprenderem a diminuir e a gozar com o crescimento que é fruto do seu amor e do seu esforço. Diminuindo para que outros cresçam não se diminuem; muito menos se demitem; antes consolidam com sabedoria divina os alicerces da estabilidade futura.

Ainda aqui, como tantas vezes e de tantos modos, a gente encontra a verdade e a justiça dos princípios pedagógicos de Pai Américo, que outros não são que os fundamentais princípios de um Deus que criou o homem à Sua imagem e respeita até ao fim a sua liberdade.

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

CAL + VA RIO

Paralítica e muito acabada já, que os anos rondam a casa dos noventa, a senhora Angélica permanece habitualmente estendida no leito duma enfermagem. Enquanto as vizinhas anseiam o clarear do dia para serem conduzidas até à varanda, onde saboreiam o fresco das carvalhas e apreciam o chilrear dos pássaros que nestas saltitam, a senhora Angélica, de cabeleira alva e macia, fica no seu posto. Teme a deslocação. Noutro dia, porém, tenta por si, com muito jeito, uma fuga da cama, mas, em menos dum ai, tomba e ei-la de pernas quebradas. O corpo robusto pesou demasiado sobre as frágeis pernas sem acção. Geme. Chora. E sem breve está entalada em gesso. É assim a vida de todo o mortal. Dum momento para o outro o curso normal do nosso viver altera-se. E, de sãos, passamos a enfer-

mos; de enfermos a mais doentes ainda. Julgamo-nos então os mais infelizes dos homens. Também gememos e lamentamos a nossa sorte. É, no entanto, erro nefasto. Pois que, por mais desdita que nos haja sucedido, ainda há por certo quem mais sofra. Podia sempre sobrevir-nos pior mal do que aquele que suportamos. A senhora Angélica fracturou ambas as pernas; mas está plenamente sã dos braços e da mente.

Eu consolei-a com uma pequenina que hei-de trazer muito em breve. Esta é bem mais feliz, para o humano pensar, pois só o Senhor sabe quem mais o é. Vive para os lados de Gaia, rente à beira mar. Vai em nove anos. Mas a esperança de vir a ser criatura normal não a possui. Nem sequer a consciência do estado em que Deus a quer. É normal. Mais — paralítica total dos membros superiores e inferiores. Sômente os olhos brilham e pulam tranquilos no rosto alegre e cativante, beijado amiudadas vezes pelos irmãos, pequenos igualmente, que a costumam distrair.

A senhora Angélica gosta de saber esta história. Sossega. Esquece as dores. E sorri. Creio que não espera futuro ser a criatura mais infeliz entre os vivos. A pequenina de Gaia é-o bem mais.

Esta criança é um ser humano atrofiado em extremo. Diante dela, com aliás sempre que deparo com criaturas disformes, sinto calafrios: mas salta-me simultaneamente

Continua na QUARTA pág.

TRIBUNA de Coimbra

Terminou o ano escolar. A vida escolar é o padrão base na vida comunitária da nossa casa. Temos inveja sempre que ouvimos e vemos pais muito preocupados com o aproveitamento escolar dos filhos. Nós, por muitos que eles são e pelas mil e uma exigências da nossa missão, mal damos um pouquinho de atenção à vida escolar. Que pena não lhes poderemos assistir mais! Ainda há dias me dizia um dos nossos padres que os nossos estudantes precisavam de ser muito acompanhados para renderem alguma coisa.

A instrução primária satisfiz. Nem todos aproveitaram bem, mas quase todos passaram de classe e os que fizeram a quarta ficaram bem.

Os alunos do curso liceal trabalharam pouco. Só Carlos Alberto que fez o sétimo ano com muito bons resultados e o Silva (Caneco) o quinto, aproveitaram bem.

Louvores ao Colégio Pedro Nunes que continuou com suas portas abertas e aos senhores Professores que abriram os corações, como já há tantos anos vêm a fazer.

Dez rapazes frequentaram os cursos da noite na Escola Industrial e Comercial. Os mais velhos foram muito brio-

sos. Os outros foram fraquitos. Não podemos deixar de testemunhar a nossa gratidão pelo carinho e cuidados da parte do senhor Director e senhores professores que sentiram muita mágoa pela pouca correspondência dos gaianos mais novos.

Num dos últimos dias, à noite, tive uma surpresa muito agradável. Zé Gordo, agora magro e por isso lhe chamamos Zézito, veio segredar-me que queria ser padre. Em

treze anos de padre nesta casa é a primeira surpresa deste género. Zézito veio de pequenino para nós. A mãe estava internada num sanatório onde faleceu e o pai faleceu antes do filho nascer. Zézito tem sido um modelo de bondade e de carinho para todos. Dom de Deus e também fruto dele próprio. Deus chama-o. Que Zézito saiba corresponder. Rezemos por ele. Eis uma carta sua:

«Muito estimo que esta minha carta o vá encontrar de perfeita saúde que eu por cá não passo mal, graças a Deus. Apenas lhe quero dizer que quero ir para o Seminário para ver se consigo chegar a sacerdote. Tenho vontade de

Continua na QUARTA pág.

TRABALHO

Sim senhor! O interesse pelos nossos apelos tem surtido o efeito desejado. Até de Londres recebemos uma encomenda. Até de Londres! É uma Senhora amiga que lá mora, de coração muito ligada ao velho Portugal. Só isto dizia muito, dizia tudo. Mas o crescente interesse dos leitores pela nossa Tipografia é tão vivo, presentemente, que não podemos deixar de registar alguns dos eloquentes testemunhos recebidos pela mão do carteiro. Aqui temos um de Coimbra — menina e moça, como diz o poeta; melhor, o berço da Casa do Gaiato, pois foi aí que Pai Américo argamassou o barro do grandioso santuário d'almas que é, hoje, a Obra da Rua:

«Acuso recepção da encomenda dos cartões de visita que muito agradeço e que me deixou muito satisfeita; quando precisar de mais alguma coisa, ou qualquer pessoa amiga faça a minha encomenda e indico a vossa tipografia.»

Satisfeita, vai tornar — «quando precisar de mais alguma coisa». Dedicada — será uma trombeta entre pessoas amigas. É assim mesmo que a gente quer, minha Senhora! Amor ao vivo, decidido, persistente... e compreensivo. Sim, compreensivo. Ele é verdade que a nossa Oficina é uma Escola; daí, ao longo das encomendas pode suceder, eventualmente, uma ou outra imperfeiçãozinha. Se elas até se dão onde menos se espera... Nesta ordem de ideias, a compreensão é coluna de granito. Não ameaçará ruína... E uma palavra de estímulo construtivo será recebida com as mãos ambas.

Não desejamos, por princípio, fazer uma precisão. Todavia, como disse atrás, aqui temos mais uma legenda de casa amiga de ao pé da porta:

«O prometido é devido, e, portanto, cá estamos nós a participar-lhes que temos aqui algum serviço de tipografia para ser feito.

Como é a primeira vez que vão trabalhar para a n/ casa, e necessitam dos respectivos modelos, logo que seja possível passar pelo n/ escritório, era favor.»

Já lá fomos. E já estamos a dar conta do trabalho, com muito amor; com tanto, quanto é certo que «o prometido é devido».

Finalmente, um episódio simpático. E que deve ser conhecido nesta roda de Amigos. Foi há dias. Bateram à porta do escritório da Tipografia. Era um cliente, muito dedicado, das bandas de Rio Tinto, que deixou serviço antes de partir. Mas, já com o pé no estribo, rapa uma nota de 1.000\$00 com destino ao «que fizer mais jeito». Nós comprámos, recentemente, aquela máquina de impressão..., disse-lhe, «Pronto! São para ajuda da sua liquidação». Agradecemos, de sorriso nos lábios. E fomos retribuídos da mesma forma. Ó simpatia!

Júlio Mendes

BARREDO

«O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido. Seus largos, seus nichos e alminhas; — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse praça, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida!» Pai Américo em «O Barredo».

E é. Mas a miséria faz dele uma toca aberta entre veredas fechadas. Rasguemos a nossa miséria ao sol, — o escondido não dá fruto.

O Barredo é bonito!

Fomos lá ontem, eu e o Fernando.

— Amarre-se! — Disse ele ao entrarmos na toca do Vitorino.

Cumprimentou-nos com um sorriso e acrescentou:

— Tomo o ar deste janelo e vejo aquele bocadinho de rua — apontando, ao mesmo tempo, o «seu» cantinho de céu.

Ao sairmos veio uma — venham ver aquela, «co» marido está tuberculoso e vieram há pouco e estão ali por favor.

Fomos, vimos e demos do que nos dão para eles.

À velhinha Maria Joaquina, que mal pode andar, e de voltas do caldinho a ferver no pote ao lado do leito do marido, perguntei:

— Quem lhe dá a lenha?

— Os meninos dos vizinhos vêm trazer-me uns pauzinhos.

Que bonito! E que lição para os que não estamos ainda abertos às necessidades dos outros.

Entramos depois no casal Luís José: um quarto pequeno com duas camas, que é cozinha, sala de jantar, arrecadação, retrete...

— Comecei a deitar outra vez sangue pela boca — gemeu o homem.

— Quem dorme naquela cama?

— Os meus filhos.

Ai! os quartos das bonecas! O quarto dos brinquedos!

O que é necessário está bem.

A seguir, o João Porto — uma criança grisalha, sentada no chão sujo ao lado dum canceroso... Quem me dera uma mão cheia de sol para dar ao João Porto todos os dias!

E a Amélia!

— Tenho peninha dos olhos DEle! — Atirou-me ao reparar que estava olhando para uma imagem partida do Senhor.

Ele também tem peninha dos nossos... muita peninha mesmo.

Senti, neste momento, bem vivas as palavras de Pai Américo: «Os senhores que fazem discursos acerca do que está feito, haviam de pisar e cheirar estes caminhos, para serem mais sóbrios e mais humildes».

P. e Telmo

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

SELOS USADOS — Que nos perdoem os amigos leitores o nosso silêncio de tantos meses (3 deles). Não nos aconteceu mal algum. Apenas falta de inspiração(?) e muita preguiça a acompanhar.

Entretanto a Campanha, apesar do nosso silêncio, não caiu. Nem pode cair uma coisa cujos alicerces são amor e persistência. Continua, pois, de pé, a Campanha que há mais de um ano começou.

Presenças foram muitas durante estes longos dias. Vamos, pois, falar delas porque são muitas as pessoas ansiosas de saberem como vai a Campanha: de Lisboa, em nome de João dos Santos e Esposa, recebemos tudo o que nos enviaram; Maria Augusta Bagão Bella; de «uma grande amiga dos Gaiatos» recebemos as últimas séries saídas, novinhas em folha. Quem lhe segue o exemplo? Gratíssimos estamos ao Sr. Américo Sampaio, o nome que mais vezes aparece na Campanha. Desta vez enviou também 60\$00. Muito obrigado. Da Standard Elétrica um envelope dos grandes cheinho! Mais do Montepio, Purfina Portuguesa, Sra. D. Noémia, Amiga incansável e outros deixados no Lar. Agora vem Porto com uma enxurrada deles idos para Paço de Sousa. Antes de mais nada queremos informar os nossos leitores que, por vezes, não damos notícias de todos os nomes, por motivos alheios à nossa vontade. No entanto as encomendas têm chegado e não há motivos para alarmes... Continuemos: de Ovar uma boa encomenda; de Vila Viçosa, idem; Moscavide a mesma coisa; Viseu também e Valbom seguiu os outros. Peniche vem duas vezes e tem aparecido muitas vezes na campanha. Torres Vedras é para aqueles lados e cá os temos com os seus selos usados. Joana Maria e Maria Luiza não sabiam a nossa direcção e mandaram para Paço de Sousa. Ficou em família e Sr. Padre Carlos já os trouxe. De qualquer maneira eis: Casa do Gaiato de Lisboa—Tojal (Loures), No rol dos tipógrafos entraram mais duas amiguinhas. Muito obrigados. Mais de Mirandela; Canedo de Basto; Braga; Aveiro três vezes, de pessoa amiga a quem muito estimamos e conhecemos. Agora esta cartinha pequenina, simples e rica:

«Junto envio 15\$00 em estampilhas produto de um mealheiro onde deitava \$20 ou \$30 todas as vezes que joguei no Totobola esta época (sem contudo ter ganho nunca).

Um grande abraço amigo de Uma Mãe».

Uma lição para os senhores do Totobola. Vem agora Lourenço Marques. Selos novos da neta do assinante n.º 23274 que tinha ocupado o último Quadro d'Honra. Por um triz que não ocupa o deste número, mas apareceu e venceu a encomenda enviada do Colégio Moderno de S. José, de Vila Real de Trás-os-Montes e cujo cartão não queremos deixar de publicar e para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

«Amigos Gaiatos do Tojal: Em nome da Rev. da Madre Superiora envio essa colheita de selos servidos, correspondendo deste modo ao vosso apelo no «Famoso» que vem para este Colégio todos os meses em n.º de 50. Já não é a primeira vez que a Madre os manda, só com a diferença de que iam para Paço de Sousa. Para o próximo ano lectivo, se Deus quiser, outros seguirão, se for possível, pois há por aqui uma pilhagem aos selos raros que não fazem ideia. Apesar disso, vão nestes, muitos que podem escolher e vender por bom preço. Oxalá que recebam muitas remessas como

esta para obterem os tantos precisos para a vossa impressora.

Termino com votos de muitas felicidades e bênçãos de Deus para todas as Casas do Gaiato que nós muito admiramos e amamos em Cristo Senhor Nosso.

Pela Madre Superiora, subscrevo-me com atenciosos cumprimentos de muita simpatia e estima».

Muito obrigado pelos votos de felicidades e pedimos ao Senhor as bênçãos para o Colégio de S. José.

Informamos que possuímos alguns selos que poderão interessar aos nossos amigos colecionadores; que temos imensas pratas para vender; e que a última venda de selos rendeu 560\$00.

Cândido Pereira

BELEM

A nossa Primeira Comunhão: — Hoje, eu, a Laidita, o Pintainho e a Dili fizemos a primeira Comunhão; fomos receber pela primeira vez Nosso Senhor.

Todas nós fomos vestidas de branco; nós fomos fazer a primeira Comunhão à capela de Vildemoinhos; quando viemos para casa todas as quatro viemos a correr para darmos um beijo à nossa Mãe. Depois fomos jantar e tivemos sobremesa. A mesa estava enfeitada de flores brancas. No fim fomos todas para a varanda. A uma certa altura a nossa Mãe chamou as que tinham feito a primeira Comunhão e perguntou-nos se tínhamos livros de Missa; só a Dili é que tinha. E às que não tinham a nossa Mãe deu um livro de Missa. E à Dili deu um fio com uma Cruz. E a todas deu um santinho e ao Pintainho deu-lhe a boneca.

Nós comungámos três dias seguidos, sempre vestidas de branco. A roupa branca quer dizer que alguma coisa está branquinha, na graça de Deus.

Janjinha

As cerejas: — A nossa Mãe mandou a Fátima ir chamar a menina Laidita para irmos às cerejas; algumas subiram às cerejeiras e algumas de bancos. Comemos tantas, que até me começou a abanar um dente! Enchemos três cestos!

Pintainho

ERICICEIRA

Este ano estreámos a casa nova na Ericiceira. É muito bonita, mas quando chegámos faltava ainda toda a mobília, a água e a electricidade.

O Sr. Padre José Maria e eu arranjámos à pressa algumas camas velhas; alguns caixotes fizeram de bancos e trouxemos do Tojal uma velha mesa.

Assim tomámos posse da casa nova. Graças a Deus, já vieram uns banquinhos: são uns «moxos» castanhos, muito bonitos. Com eles veio um quadro de azulejos: a última ceia que foi colocada no refeitório. Ontem vieram as primeiras camas: são uns beliches de cor branca com uns colchões novos. Surgiu um grande problema: quem há-de dormir na parte de cima porque infelizmente ainda alguns urinam na cama?

Nos primeiros dias, fui comprar o peixe na lota. As pessoas olharam para mim com cara admirada, mas

não disseram nada. Não sabiam ainda porque é que eu vinha lá, mas as senhoras peixeiras gostavam de falar e depois de alguns dias já sabiam quem nós éramos e então a Caridade, o fogo que Cristo trouxe à terra, começou a arder: um dia o peixe estava caro e eu de coração apertado via vender os lotes uns atrás dos outros. Então sinto uma pessoa puxar-me o braço; viro-me e uma senhora diz-me: aqui está o peixe para os rapazes. Aos meus pés estavam três raías muito bonitas. Admirei a delicadeza desta peixeira: não gritou, não houve ostentação nenhuma nem sequer esperou os meus agradecimentos; deu e desapareceu.

Isso só era uma primeira brasa; agora é uma fogueira: recebemos às vezes muito peixe dos pescadores outras vezes das peixeiras. E não só o peixe mas também dinheiro.

Esponaneamente uma senhora agarrou num lenço e deu volta. Recebi assim 42 escudos. Uns dias depois era um Senhor a oferecer-me uma lagosta. E pela primeira vez estes filhos de pobres tiveram comida de ricos.

Mas as senhoras da lota não ficaram por aí. De caridosas tornaram-se apóstolos: foram à praça das hortaliças contar a nossa história e agora temos frutas e legumes e tudo por amor.

E mais uma vez admirei-me: apesar dos meus pecados, apesar da minha fé ainda tão pequena, o Senhor não só não deixou de cuidar de nós mas também nos proporcionou a abundância por estes dias de praia e pensei na multiplicação dos pães: «Todos ficaram saciados e ainda se encheram sete cestos com os pedaços que sobejaram!»

Rogério Gomes

PAÇO DE SOUSA

REGRESSO — O Zé Manel havia partido para Angola na altura de maior perigo; outros para lá foram também e continuam a ir.

Foi com dificuldade que se despediu de nós e com ele foram muitas saudades de todos os colegas da Casa que nos abriga.

Lutou bravamente até ao ponto de ser consagrado com louvores dos seus comandantes, pelo brilhantismo e pela audácia que mostrou, no meio das batalhas mais renhidas.

A sua chegada foi coroada de intensa alegria nos corações de todos nós, cheinhos de saudades.

Orlando da Rocha

Tribuna de Coimbra

Continuação da TERCEIRA pág.

o ser. Espero que um dia chegue a sacerdote para ver se conheço melhor a vida de Deus e para fazer melhor a vontade de Deus. Se um dia conseguir chegar onde quero, continuarei na Obra da Rua, porque lhe devo muitos favores. Não faço mais que a minha obrigação porque me criou. Serei continuador de Pai Américo e dar-lhe-ei muita alegria no Céu.

Trabalharei muito para tirar muitos meninos das ruas e trazê-los para a Casa do Gaiato, para serem bons. Eu também não tinha ninguém, pois os meus pais morreram e agora sinto-me muito contente. Quero ser sacerdote para fazer bem aos outros e ajudar a ir muita gente para o Céu.

Zézito».

Padre Horácio



Continuação da TERCEIRA pág.

ao espírito a presença da alma inocente que ali se oculta e em que Deus porfia morar. Nunca as roupagens dirão o que sob elas se esconde. Que pena profunda tenho, quando reparo que tantos encaram apenas o monstro que lhes apresenta: — vá a gente com ele ao colo à presença de sumidades ou de nulidades. Todos espreitam pelas mesmas lentes. E o espírito, mais Aquele que o criou?

Esta criança é um ser atrofiado. Mas precisamente por isso é que eu a amei tanto logo que a vi. Amei e amo. E, como eu, a senhora Angélica também.

Padre Baptista



VARANDA de Beire

Não venho com uma pretenção, que me daria contentamento. Venho, sim, com uma ausência, que me provoca tristeza. É a dos donativos. Todas as Casas do Gaiato dão à estampa, periodicamente, a nota das meiguices dos seus melhores amigos. Ora, Beire não. Beire tem mostrado apenas lamento e penúria. Afóra a natureza, que prendou esta região, é certo que tudo aqui, no ponto de vista humano, é torto. E talvez por isso mesmo, não haja quem de Beire se abeire. Falo dos rapazes. Eles vieram de muitas proveniências. Todos eram, no entanto, mais destituídos de dons, dos que os da mesma idade. Para eles foram aqui criadas escolas especiais, que, por falta de mestres e da enorme distância da capital, mais dos responsáveis pelas ditas, não resultaram, tendo nós sido forçados a criar particularmente curso de adultos, donde saíram já duas dezenas de rapazes, estando outros em vias do mesmo. Tudo aqui andou torto desde o início. Remamos há longo tempo, sem ventos favoráveis. Trago, pois, aqui, hoje, ausências.

Quem mais nos tem valido é a nossa quinta. Ela a nossa maior riqueza. Ali os rapazes moiem as horas mais o corpo. Dali colhem o pão abundante e sadio. E ainda ali espraíam o espírito e a juventude. Mas a quinta fala também de ausência. Não é por nós que tocamos em tal ferida. É por todos os que labutam e se matam ao serviço da lavoura. Não trago aqui os problemas concretos da agricultura que múltiplos são e aos técnicos pertencem. Não roubo direitos. Trago aqui somente as canseiras, tantas vezes inúteis, e as máguas, tantas deudas e as régadas pelo suor dos agricultores. Eles, que arroteiam a terra, espalham

o estrume, lançam o adubo, enterram a semente, sacham, mondam, regam as culturas, não encontram normalmente compensação para tão penoso labor. Os factores são variados. A terra não é por norma de quem na amanhã. A semente está envelhecida e cansada. O adubo vende-se a preço d'ouro. A venda dos produtos aos intermediários, que não pode ser doutro jeito, opera-se por ninharias. Ele é com legumes, com cereais, com vinho, com resina, com tudo. Todos comem, mas menos que todos, quem mais se afadigou.

É certo que a quinta de Beire é a nossa riqueza. Mas tenho pena de tanto que se exige destes rapazes. Eles trabalham. Comem o pão com o suor do rosto. Também aqui sentimos uma ausência. Quem acarinha o campo? Quem facilita a boa semente, mais o adubo eficaz, mais tanta coisa que tornaria o trabalho menos difícil e mais compensador?

Por isso, nenhum destes rapazes deseja prender-se à terra. E porquê?

Padre Baptista

16 de Julho

Um telegrama da Guiné

«Queridos mais um dia grande que Deus nos deu há sete anos Foi o corpo mas temos a alma Neste dia está pedindo por nós estando com todos dia fraternizado por todo o mundo Louvemos.

Abraços

Fernando».

«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes